



CASA DE CAMPO DE LORD BROUGHAM, EM CANNES.

Lord Brougham mandou edificar em Cannes, pequena cidade da Provença, uma linda residência.

A escolha do lugar, a apparencia e a distribuição interior d'essa agradável habitação, fazem honra ao apurado gosto do nobre lord. Esta casa é simultaneamente alegre como uma casa de campo de Italia, e elegante como um palacio; e o seu proprietario não se tem poupado para a tornar commodá, combinando o util e o agradável.

A nossa estampa, que a representa, dispensa-nos de mais ampla descripção.

## OS ULTIMOS ANOS DO REINADO DE D. AFFONSO V.

COM DOCUMENTOS INEDITOS.

X.

### Conclusão.

Affonso v e o principe D. João conservaram-se durante quinze dias, com o seu arrayal assentado diante da ponte de Samora. Estava-se nos fins do mez de Fevereiro de 1476, o frio continuava rigoroso, as chuvas eram copiosas, e o exercito soffria perdas diarias que iam quebrantando aquella força moral, que é um dos elementos da disciplina, e a primeira garantia da victoria. Por conselho dos principaes capitães, Affonso v resolvera retirar-se para a cidade de Toro.

(\*) Do num. 50

VOL. II. — 4.ª SERIE.

C. M. L.  
GABINETE  
DE ESTUDOS  
OLISIPONENSES

Fernando o catholico apenas soube que Affonso v levantava o seu arrayal (no 4.º de Março de 1476, ao romper de alva) mandou partir alguma gente de cavallo, para ir em seu seguimento: induzido depois pelos conselhos dos grandes da sua côrte, principalmente pelo voto do cardeal D. Pedro Gonzales de Mendoza, que segundo a energica expressão do seu chronista «era mas atrevido a las manos, que atido a la satisfacion de la palabra» saiu com o seu exercito de Samora, com o intuito de offerecer batalha a Affonso v.

Mas quando Fernando o catholico chegava ás faldas da serra situada entre Toro e Samora, já Affonso v a havia transposto, e o rei de Castella ter-se-hia contentado com este feito, se o cardeal de Mendoza, tendo subido ao alto da montanha, e vendo o exercito portuguez ordenado em batalha, o não persuadissem a caminhar ávante, mostrando-lhe que seria lançado á conta de covardia o não aceitar o combate que o inimigo parecia offerecer-lhe.

Apenas Affonso v e o principe D. João avistaram o exercito castelhano sobre o cume da serra, immediatamente se prepararam pondo as suas forças em ordem de guerra.

Eis como D. João II, escrevendo á camara de Evora, descreve as principaes circumstancias da batalha: «Aos 2 dias do mez de Março de 1476, estando os mui altos e excellentes principes el-rei D. Affonso v e el-rei D. João II nosso senhor que ora é, em sendo principe, em arrayal sobre Samora da parte da ponte, onde vieram, por causa de el-rei D. Fernando ter cercado a fortale-

DEZEMBRO, 25, 1858.

za da dita cidade de Samora, a qual estava pelo dito rei D. Affonso, e elle a tinha cercado por cobrir a cidade que por traição fôra entregue por um cavalleiro castelhano que se chamava Valdez: e por assim ter a dita cidade, e estar mui afortalezada se não podia bem socorrer a dita fortaleza: por tanto os ditos senhores rei e principe ordenaram de assentar sobre a cidade d'aquella parte, e da outra pozeram guarnições para assim por mingua de mantimentos ou porqualquer outra maneira estreitarem a dita cidade ao dito rei D. Fernando e sua gente que dentro estavam, de maneira que lhes cumprisse descercarem a dita fortaleza, e deixarem a dita cidade.

«Estando assim depois de algumas vezes combaterem a torre da dita ponte, a qual trabalhavam filhar em o sobredito dia: de noite lhes veiu um recado de dentro da cidade em como o dito rei D. Fernando partira aquella noite com sua gente, e ia a um trato que tinha em a cidade de Toro: a qual causa como fosse dita por pessoa digna de ser crida, os ditos senhores rei e principe accordaram de atalhar, e levantarem do arrayal, e irem á dita cidade de Toro por entenderem que assim cumpria, e o pozeram logo em obra. Partidos do dito arrayal depois de terem andado duas leguas e meia, vieram novas em que apparecia gente contra em batalhas: a qual coisa, como soubesse o dito rei D. João nosso senhor, que então era principe, que tinha o encargo de toda a hoste da gente, porque o dito senhor rei seu pae era já diante á dita cidade a pôr cobro em ella, e a mandar recolher sua artilharia e gente de pé, e se visse que el-rei D. Fernando não ia á dita cidade: elle logo aquella noite a haver de ir com gente de cavallo a um logar que se chama a Fonte do Sabugo onde sabia por novas certas que estava D. Henrique de Aragão, e o duque de Villa Hermosa irmão do dito rei D. Fernando e com elle o conde de Treviño com gente de cavallo para dar n'elles: tendo o dito rei D. João nosso senhor visto, como o logar d'onde lhe deram as novas não era disposto para pelejar por ser estreito, fez tirar toda sua gente ao campo, aonde a fez estar queda em batalhas, pelos contrarios mais despejadamente descerem ao campo; e então fez tudo saber ao dito senhor rei seu pae, o qual logo tornou; e depois de todos assim de uma parte como da outra serem em campo, ainda que os contrarios tivessem a vantagem, por terem as costas em serra e por terem mais gente de pé, por quanto a sua era já toda em a cidade de Toro, e assim mesmo alguma de cavallo que fôra adiante com a fardage, pelo qual os contrarios tinham de vantagem bem sete ou oito lanças: em pero sem embargo d'isto tudo os ditos senhores rei D. Affonso que Deus haja, e el-rei nosso senhor por duas vezes fizeram volver os rostos de suas batalhas contra os inimigos por verem se queriam pelejar, o que elles nunca quiseram fazer: e quando os ditos senhores isto vi-

ram, como esforçados principes, e que desejavam vir á conclusão, determinaram-se todavia darem nos inimigos como de facto pozeram em obra, sem embargo dos contrarios terem a dita vantagem conhecidamente. . . . . » (1)

El-rei D. Fernando, ao contrario, na carta que escreve á cidade de Beza declara-se vencedor e diz no final: « e pondo-o em obra, pelejamos com elle, e aprouve a' Nosso Senhor de me dar a victoria e desbaratada a sua batalha real a primeira aonde foi derrubado e tomado o seu pendão das armas reaes e morto o alferes, e tomadas as mais das outras bandeiras foi fugindo, e grande parte de minhas gentes em seu alcance até á ponte da dita cidade de Toro d'onde foram presos e mortos muitos principaes do dito meu adversario e do dito seu filho e do dito reino de Portugal, e outros muitos afogados no rio: e de tal maneira se seguiu o alcance que muitos dos meus chegaram até á parte da ponte involtos com elles, de tal modo que ali junto com a dita ponte foi preso o dito conde D. Henrique e outros dois ou tres escudeiros. (2)

Estas contradicções facilmente se explicam, quando se souber que a batalha conduzida pelo principe D. João rompeu effectivamente as duas batalhas principaes dos castelhanos; mas que o centro aonde pelejava Affonso v foi desbaratado, em consequencia do fogo de uma columna cerrada de espingardeiros, que ia introduzindo a desordem nas fileiras dos portuguezes. (Ruy de Pina. — Chronica de Affonso v cap. 191.)

A verdade é que D. Affonso v retirando-se n'aquella noite para Castro-Nuno, e pouco depois partindo para França, a pedir soccorro a Luiz xi, manifestou claramente que embora os portuguezes se acclamassem vencedores na batalha de Touro, esse triumpho se o fôra, pouco aproveitara á causa da princeza D. Joanna porque nunca as suas armas poderam obter depois a minima vantagem

Mas estas duvidas a respeito de qual vencera duraram por muito tempo. Conta-se que estando em Castella Fernando da Silveira, que fugira de Portugal por ter tomado parte na conspiração do duque de Vizeu contra D. João II, fôra ao paço eahi vira el-rei D. Fernando ouvindo um musico que lhe cantava um romance cuja lettra alludia ao vencimento, que elle tivera em Touro, d'el-rei D. Affonso v: e perguntando-lhe el-rei que tal lhe parecia, aquelle respondeu, lembrando-se mais da sua qualidade de portuguez do que do odio que tinha a D. João II: « Senhor, mui bem está o romance do pae, mas faça-me vossa alteza agora mercê que mande cantar o villancete do filho (3).

Os castelhanos celebrando os feitos que o mes-

(1) Memorias da bibliotheca de Nossa Senhora de Jesus — Cópia do cartorio da camara de Evora.

(2) Colecion de documentos ineditos para la historia de Espana, Tomo XIII.

(3) Anecdotas portuguezas — Ms. da Bibliotheca da Academia Real das Sciencias.

tre D. Alonso de Monroy fizera contra os portuguezes, cantavam debaixo das janellas do palacio aonde poisava a rainha D. Isabel as seguintes coplas :

« En el mojon del Guadopero  
Donde estava el asteria  
Su gayta y tamboleria  
Que haria la folia,  
Com ayuda de San Juan  
Les dimos el negro dia,  
Como em Portugal sabran  
Y por la obra veran.

Mejor fuera á Olivencia  
Ir á Tanjar sobre mar  
Que no venir á buscar  
Para vós tal pestilencia  
Y a mi la execucion :  
En vuestra (tierra) y mojon  
Hecistes la penitencia.

Chamorros de Olivencia  
Con otros de Portugal  
Venistes a hacer mal  
A Castilla sin consciencia.  
De Dios vino la sentencia  
Y á mi la execucion :  
Em vuestra tierra y mojon  
Hecistes la penitencia.

Os castelhanos consideraram sempre a batalha de Toro, como uma desaffronta do revez que haviam soffrido em Aljubarrota. O mesmo fidalgo Fernando da Silveira de quem já tratámos, estando em Castella e escrevendo-lhe um malicioso uma trova, aonde se procurava abater o valor dos portuguezes, respondeu-lhe immediatamente :

Castelhanos salve-os Dios  
y os libre de tal affronta  
qual fue la de Aljubarrota  
Onde aly nuestros axós  
ali chofes, nos, a vos  
como buenos y galanos  
y vos covardes marranos  
fugindo delante de nós  
no os valiendo las manos.

Entretanto, é fóra de duvida, que a batalha de Aljubarrota foi uma batalha muito mais decisiva, pela qual definitivamente se conseguiu o triumpho da independencia nacional.

O principe D. João conservou-se no campo até ao dia seguinte, apesar de Affonso v se haver retirado em desordem para Castro-Nuno, e estaria ali tres dias completos, se não fosse o arcebispo de Toledo, o qual, diz Ruy de Pina, « publicamente lhe disse que depois de imigos partidos bem cumpria por os tres dias estar no campo tres horas continuas a rezão de hora por dia, por comparação que trouxe da resurreição de Nosso Senhor, que foi depois da morte tres

dias não todos inteiros, mas porque tomou de tres dias tomando a parte por todo. »

D. Fernando, segundo o testemunho unanime dos nossos chronistas, retirara-se logo no principio da batalha, e só em Samora, á meia noite é que soube que tinha ficado vencedor.

« E el-rei D. Fernando, escreve Garcia de Resende, que vivera junto á pessoa de D. João II, com toda a intimidade, que sem pelejar, estava atraz em uma pequena batalha posto em um alto vendo o desbarato, que o principe fez nas primeiras duas batalhas, sendo de muito mais gente, que a sua ; e vendo a sua batalha grande toda revolta, sem poder bem determinar o que n'ella ia parecendo-lhe tambem, que era tudo desbaratado, desamparou tudo, e com esses com que estava, se acolheu logo a Zamora (\*).

A carreira militar de Affonso v acabou na batalha de Toro. Depois da sua infructuosa viagem a França, e de ter visto professar a sua noiva, a princeza D. Joanna, adoeceu logo em Coimbra, escreve Damião de Goes, de pura melancolia, de que esteve a ponto de morte, nem d'ali por diante se sentiu mais n'elle gosto, nem contentamento de coisa que fizesse, nem visse fazer, andando sempre só, apartado, fugindo de todo o genero de companhia, com verdadeiro proposito de recolher ao mosteiro de S. Francisco de Varatojo, que de novo fundara, em termo de Torres Vedras, para n'elle servir a Deus em habito secular. . . »

O heroico monarcha expirava poucos mezes depois em Cintra, na mesma casa aonde nascera, aos 28 do mez de Agosto de 1481, na idade de quarenta e nove annos, tendo reinado quarenta e tres. « Principe, escreve o seu chronista Ruy de Pina, de muy alto e esforçado coração, foi sempre zelador de emprender coisas arduas, e proseguil-as por armas como cavalleiro, mais que de entender como rei no regimento civil e politico de reinos. . . »

LOPES DE MENDONÇA.

## INDIA PORTUGUEZA.

DEMONSTRAÇÃO DE VARIOS SUCCESSOS DAS ARMAS LUSITANAS, MODERNAMENTE HAVIDOS  
NA INDIA ORIENTAL.

### Conclusão.

Conheço que os contrarios á minha opinião me podem arguir com esta causal objecção: Se Goa não tem tropas sufficientes para guarnecer os seus dominios, como as poderá ter para abranger a provincia do norte, e terras de Chaul, e ainda por alliança soccorrer aos maratás com quatrocentos soldados? Recebo as duvidas por serem fundadas em razão natural; pois é certo, que ninguem pode dar o que não tem; mas como é obrigação defender cada um a opinião que me-

(\*) Chronica de el-rei D. João II — cap. XIII.

lhor lhe parece, devo tambem eu dissolver os argumentos oppostos, e assim respondo com estas duas perguntas. Primeira, de que guarnição se compunha a praça de Bassaim, quando sustentou o prolongado sitio de quasi tres annos, em que a pozeram os maratás? Quaes se ostentaram fortes, e constantes nos seus paizes aos continuos assaltos dos seus inimigos? Não consta que Goa os soccorresse, porque então não tinha para si: bem; logo nos proprios naturaes acharam sempre a melhor defesa da sua patria, e conservação dos seus domicilios, (o que ainda hoje poderão conseguir) pois é innegavel, que n'estes logares os mesmos lavradores das terras, plantadores de palmeiras, e os occupados em todo o genero de officios, são naturalmente bellicosos, e não perdem o costume de conservarem armas em suas casas, sendo dos primeiros, que ouvindo o signal de rebate se põem em campo com promptidão, muito ao contrario do que costumam praticar os naturaes de Goa.

Antes de satisfazer a segunda objecção ácerca de concorrer Goa com os quatrocentos soldados, se deve primeiro presuppôr que as tropas d'este reino, e das mais nações europeas, que se expedem para as conquistas, e colonias da India oriental, só permanecem os bem procedidos, e os que estabelecem domicilios no paiz, a que são destinados. Outros porém, cujo numero pela maior parte sempre é o mais superior, se passam logo para o partido dos asiaticos, servindo de lhes reforçar as suas artilharia e infantarias, instruindo-os d'este modo nos manejos europeus.

Tirar duzentos soldados, em que sejam na maior parte dos estabelecidos em Goa, nenhuma falta padecerá, e para completar o prescripto numero de quatrocentos se lhe podem ajuntar (sem que sejam militares) muitos vagabundos viciosos por natureza, escrivães por devoção particular, quadrilheiros, e alcaides, por propria conveniencia e todos casados, que levados de ambição de ganharem muito dinheiro farão crescer o numero dos duzentos, entrando n'elle varios naturaes da côr branca, que vestidos de fardas europeas, não se differenciam da realidade, e posto que em Goa desmentem o valor dos europeus, com tudo fora d'ella em nada desmerecem aos portuguezes nas suas heroicas acções, como eu presenciei muitas vezes e a experiencia o tem mostrado.

Naturalmente se pode crer que todos os europeus, que de presente se acham no serviço dos potentados asiaticos, e ainda os mesmos portuguezes não deixarão de se unirem a este corpo se lhes concederem o perdão dos crimes porque se ausentaram, pois a experiencia lhes tem mostrado não lhes serem promettidos os lucros, que agenciaram fora do poder d'aquelle principe a quem primeiro serviram, por cuja ordem lhe são confiscados todos os bens, e n'esta abstracção perdem muitos as vidas por quererem desferir a posse do que tem adquirido. Muito ao

contrario d'este intoleravel e perverso costume experimentaram militando no Indostão debaixo da bandeira portugueza com o mesmo soldo e melhor tratamento, que nos asiaticos, e sobre tudo a consolação de receberem, quando lhes parecer, o pasto espiritual, e na ultima hora os precisos sacramentos da igreja.

Não se pode duvidar, que depois de juntos estes dispersos, com muita grandeza se comporá um corpo de mil e quinhentos europeus, tirados dos serviços de outras potencias asiaticas, e que d'este modo se lhes debilitarão as forças por falta de agentes para a sua artilharia, sem a qual lhes será trocada a gloria de conquistadores pela desgraça dos vencidos.

Que poder tem o Indostão para resistir a mil e quinhentos europeus em campo portuguez commandados por um cabo perfeitamente experimentado? Quando só com quatrocentos francezes deu Bussy leis em Dekan, e com outros tantos inglezes se viu Cleves conquistar toda a Arcata e Bengala? Ainda não fallo aqui nas antigas proezas, que obrou no Oriente a nação portugueza, que por tão notoriamente sabidas, se faz dispensavel a sua narração.

Quem poderá negar, que estes soldados, e officiaes recolhidos a Goa com larga experiencia de algumas campanhas asiaticas e melhor instruidos no conhecimento e costumes n'ellas adquiridos, serão mais proveitosos que os existentes hoje n'aquella capital? Conseguido este projecto se verão logo mais abundantes os cofres da real fazenda, como mostrei se achavam os francezes, e agora suppram a todos os cofres inglezes, além do que teremos para o commercio passo franco, e nos offerecerão para o seu estabelecimento portos necessarios, os principes e potentados da costa Arabia, Persia, Cambaya, e finalmente o Ganges, e o Indo, e por ultima conclusão cultivarão os missionarios com melhor commodidade n'aquelles vastos paizes sem minima objecção a ceara de Jesus Christo com perfeita paz, e boa tranquillidade em todos os dominios de Portugal.

Protesto que tudo quanto tenho ponderado sujeito ao melhor discurso, e que é nascido de impulso do amor e zelo de ver a minha patria restituída ao seu antigo esplendor.

Tendo de fazer consideraveis melhoramentos no *Panorama*, o editor vê-se na necessidade de suspender, temporariamente, a publicação do mesmo semanario.

Em consequencia, roga a todos os senhores assignantes que ainda não pagaram as suas assignaturas do corrente anno, tenham a bondade de mandar satisfazer com a possivel brevidade.

As pessoas que desejarem possuir a collecção do *Panorama* poderão procural-a toda, ou aos volumes, na Travessa da Victoria 52, 1.º andar.